

MARIA VALÉRIA REZENDE

“Sou uma pessoa que prefere olhar pela janela a olhar para o espelho.”

Pesquisadora da obra de Maria Valéria Rezende, com dissertação concluída em 2021 e tese em andamento sobre ela, Adriana Aleixo Neto* conduz a entrevista abaixo e faz ela mesma a apresentação da entrevistada e das circunstâncias em que se deu a conversa. Intitulada “Personagens vaga-lumes, fabulação e deslocamento em Maria Valéria Rezende: um estudo de *Outros cantos* e *O voo da guará vermelha*”, a dissertação versa sobre os dois romances que afloram na conversa e destaca caminhos da ficção de Maria Valéria também trazidos à baila na troca de ideias que animou o diálogo entre elas.

Eis o preâmbulo feito pela entrevistadora, seguido da entrevista:

“Conversei por cerca de duas horas via telefone com Maria Valéria Rezende no dia 28 de janeiro de 2021. Com seu bom humor de sempre, ela agradeceu por estar viva nesse período de uma pandemia tão devastadora, disse estar sufocada em meio a tantos livros que pretende ler, falou sobre a situação de saúde

* Mestre e doutoranda em Linguagens pelo CEFET- MG, Adriana Aleixo Neto colheu, junto à escritora Maria Valéria Rezende, a entrevista inédita que aqui publicamos.

de uma das irmãs que mora com ela e, por fim, demos início à nossa conversa, que combinei de gravar e enviar para sua apreciação. Autora reconhecida e publicada em vários países, Maria Valéria Rezende já recebeu vários prêmios, entre eles o Casa de Las Américas, Prêmio São Paulo de Literatura e alguns prêmios Jabuti. Sua literatura prolífica e versátil inclui o infantojuvenil, poesias, contos e romances, mas não faz muito tempo que a vemos e ouvimos nas principais feiras e eventos do país. Rezende começou a publicar aos 59 anos de idade e, desde então, não parou seu ritmo frenético.

Sua militância frente às causas sociais fez com que ela e outras autoras idealizassem o *Mulherio das Letras*, movimento que visa a reunir mulheres de todos os cantos do país e até do exterior para facilitar trocas, publicações e divulgação. Esta entrevista, no entanto, traz um tom diferente. Como estudiosa e leitora de seu trabalho, percebi a presença forte e marcante do personagem narrador em seus romances: seja ele um homem, caso do pedreiro Rosário de *O voo da guará vermelha* (2014), ou uma mulher, como a professora Maria, personagem de *Outros cantos* (2016). Esses personagens são os grandes protagonistas de seus romances. São pessoas simples, gente invisibilizada pela sociedade, mas cheia de afeto e conhecedora das histórias e necessidades de seu povo. Nas perguntas seguintes, eu conversei com a autora sobre o protagonismo e a oralidade de seus personagens”.

Adriana Aleixo – *Para Walter Benjamin, “o grande narrador tem sempre suas raízes no povo, principalmente nas camadas artesa-*

nais”¹. *Você é uma contadora de histórias inata. Você conta histórias que viu e ouviu, histórias inventadas ou as duas coisas?*

Maria Valéria Rezende – As duas coisas. Tenho certeza de que minha cabeça nasceu vazia, embora minha mãe cantasse muito para mim. Ela cantava e tocava piano maravilhosamente bem e fazia isso para mim. Minha mãe era uma grande educadora. Ela foi discípula da Dra. Helena Antipoff, que criou o Instituto Pestalozzi, em Belo Horizonte, primeira escola especializada em crianças com dificuldade em aprendizagem. Tive uma mãe especial, que também havia feito um curso de escultura com uma professora francesa em Belo Horizonte. Por isso, sei que tudo o que sai da minha cabeça é porque entrou. E não há fronteira clara entre memória e imaginação. Mesmo agora, não há fronteira entre a minha percepção e a realidade como ela é, porque só temos cinco sentidos muito limitados. Um cão pode ouvir um som de apito que nós humanos não podemos, os insetos têm uma visão multifacetada, enxergam vários planos ao mesmo tempo, e a gente só vê numa direção e assim vai... (risos). Então, o que penso ser realidade, o que está na minha cabeça como memória, também passa pelo filtro das emoções. Sou uma pessoa, desde criança, naturalmente, ou talvez pelos estímulos que recebi, extremamente curiosa. Um dos meus problemas é pensar que posso amanhecer morta amanhã – porque já estou com o prazo de validade vencido – e que

¹BENJAMIN, Walter. “O narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov”. In: *Mágica e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1987. Obras escolhidas, v. 1, p. 214.

não terei tempo para aprender tudo o que tenho curiosidade para saber. Disse sem querer uma frase outro dia: “sou uma pessoa que prefere olhar pela janela a olhar para o espelho”. Estou sempre querendo ir mais para fora. Sempre absorvi muita coisa e ouvi, porque sou uma educadora popular freiriana, cuja principal tarefa não é passar conhecimento, é fazer perguntas que façam o outro falar do que ele sabe, ouve e vê. Passei a vida ouvindo as histórias do povo: perguntando e ouvindo. E repetindo aquilo mais adiante, repetindo na forma de novela de rádio quando eu estava em Parabira, repetindo na forma de filme super 8, repetindo na forma de cordel. E, é claro, quem conta um conto aumenta um ponto. Minha cabeça é povoada de personagens, que foram entrando e tomando conta. Sou como uma esponja. Sempre me senti uma esponja. Veja bem, todos os meus personagens são reais, mas passados pelo filtro da minha imaginação. Os personagens que estão no livro são sínteses da minha observação do humano. Muitas pessoas que comentam *O voo da guará vermelha* dizem que a história se passa em São Paulo e Irene é uma nordestina que migrou para São Paulo. Não tem um momento em que digo nome de lugar; o único lugar que tem nome é a Grota dos Crioulos, que é inventada. É um quilombo dos muitos que conheci, e quem observar bem verá que o personagem Rosálio percorre lugares que podem ser qualquer parte do Brasil. Quis passar uma imagem do Brasil que eu achava que estava acabando, já que o livro foi escrito em 2002/2003, num momento em que estávamos prontos para a vitória do Lula e acreditávamos que tudo ia mudar. Eu acompanhava grupos de discussão e havia começado um trabalho sério de alfabetização com a esposa de Fernando Henrique Cardoso,

a EJA², que se tornou uma parte integral do sistema educacional brasileiro. Eu tinha esperança de que tudo ia mudar e quis fazer um registro do que era o Brasil até ali, para que, dez, vinte anos depois, pudéssemos dar conta de quanto o Brasil havia mudado. Acontece que, agora³, estão querendo desmudar tudo... Eu não queria falar de São Paulo. Aquilo que se passa com Rosálio pode acontecer em qualquer capital brasileira. Se observarem, o Rosálio passa pela Amazônia, pelo MST⁴, e misturei animais do Rio Grande do Sul com seringueiras e com rios enormes. Quis fazer algo que fosse unificador da civilização brasileira e nunca dei nome a lugar nenhum, mas as pessoas têm a cabeça tão arrumadinha dentro de seus quintaizinhos... Acho que todos os meus personagens são reais e são inventados.

Adriana Aleixo – *Para Benjamin, “metade da arte narrativa está em evitar explicações”⁵. Numa boa narrativa, os fatos são narrados com maior exatidão. Você faz isso com maestria, mas também é capaz de devires como em Van Gogh e sua cabeça tomada por girassóis. O que a movimenta? Qual é a sua engrenagem?*

² Educação para Jovens e Adultos.

³ Vale lembrar que a entrevista foi concedida em 28 de janeiro de 2021, em pleno governo Bolsonaro.

⁴ Movimento dos Trabalhadores Sem Terra.

⁵ BENJAMIN, Walter. *Op. cit.*, p. 203.

Maria Valéria Rezende – Muitas vezes me perguntam para quem escrevo, quem é o leitor que está na minha cabeça, e minha resposta é absolutamente sincera: o meu leitor é o personagem do meu livro. Veja bem, se estou escrevendo e imaginando que aquelas pessoas, que são da tribo dos meus personagens, serão meus leitores, não preciso explicar grande coisa, porque estou falando deles. Outra situação é que tenho sempre a oportunidade de ser guia de turismo de amigos que vêm para a Paraíba, e, quando o faço, os levo a lugares a que os guias tradicionais não levam e digo: “olha pra isso”. Nos meus livros também acontece assim, você tem sempre aquele leitor que se reconhece no seu entorno e aquele que não olha para aquilo e espero que, no momento em que escrevo e mostro, ele se interesse e vá olhar para o mundo com olhos mais interrogativos. A explicação não é necessária, é a descrição que conta. Tenho uma amiga que diz: “você não escreve romance, você escreve roteiros, porque a gente pode pegar e filmar tais quais estão. É tudo cheio de cor, de objetos. A gente fecha os olhos e vê o que você tá contando”. Tem um fato que aconteceu com meu primeiro livro de ficção, *Vasto mundo*. Eu trabalhava no sindicato dos trabalhadores da construção civil daqui. Eu e o presidente do sindicato, o Paulo Marcelo, criamos um projeto de alfabetização nos canteiros de obra, onde ele recebeu o livro de minhas mãos. Em seguida, ele tirou umas férias e levou o livro para a casa de alguns parentes numa fazenda. Chegando lá, ele se atirou numa rede e, antes que o livro terminasse, foi até a cidade, pegou um telefone desses de fichas e disse: “Valéria, você pode me conseguir 250 exemplares desse livro, mas com um preço mais barato? Preciso dar esse livro. Temos alunos do Zé Pião que precisam ler livro de literatura e só encontro cartilha. Preciso de um livro que

possa interessar a eles. Seu livro é perfeito e quero distribuí-lo”. Li-guei para a editora, perguntei o mínimo que poderiam fazer e renunciei aos direitos autorais. Eles ficaram muito entusiasmados, porque eram pessoas muito boas. Paulo Marcelo quis fazer um lançamento no auditório e pediu que eu autografasse livro por livro, houve uma fila enorme. Comecei a fazer as dedicatórias e a entregar a cada um e pude ver, de cima do estradinho, que eles se sentaram e começaram a ler meu livro, em seguida se cutucavam e comentavam as passagens, liam, riam. Percebi, então, que eles estavam conversando com o livro. Foi nesse momento que resolvi me dedicar a escrever ficção. O primeiro livro foi por acaso. Eu precisava registrar minhas impressões, minhas interrogações, para eu mesma entender melhor o que estava vendo, mas não tinha a menor intenção de ser escritora. Quem não entender que vá procurar saber, os intelectuais que vivem fechados na quitinete. Existe o que chamo hoje de literatura de bar e alcova, os carinhas que ficam remoendo seus sentimentos e outros que escrevem longos ensaios para exibir sua erudição. Pulo essa parte, viu? Sou contadora de histórias. Não acredito que exista fronteira clara entre memória e imaginação, portanto o que escrevo é tudo verdade e tudo mentira. Há verdades que a gente só pode dizer mentindo, ou seja, em forma de ficção porque, se eu for afirmar algo, vão me pedir dados científicos, e intuição e percepção direta não são consideradas científicas, não é? Portanto, não sou uma pessoa científica, sou uma pessoa poética.

Adriana Aleixo – *Você sabe que sou grande fã de O voo da guará vermelha, mas as inúmeras leituras que fiz de ambos os seus livros para meus trabalhos me possibilitaram a descoberta de múltiplas*

narrativas dentro de Outros cantos. Ele conflui em histórias e explode em devires. Existe um livro seu de que mais gosta? Sobre essa obra, eu descrevi a transformação de Harley-cavaleiro-militante em Paris como devir da própria personagem. E você, como fez ou viu isso ao escrever o livro?

Maria Valéria Rezende – Não, os livros são como filhos. São diferentes, cada um tem sua característica, mas como mãe não consigo escolher. Sei pouco de devir, só assisti a uma aula clandestina de Deleuze uma vez, mas acho a interpretação que você fez maravilhosa e concordo com ela. Queria transmitir um sentimento que havia naquela época em que não tínhamos internet nem coisa nenhuma, e a situação era extremamente tensa. Era o seguinte, veja bem: eu, como muita gente, tive que correr para salvar a vida dos outros, pegar gente que estava sendo perseguida, esconder, tirar do país. Acontecia uma coisa que, para mim, é o tipo de relação humana mais íntima que a gente pode ter com outra pessoa. Vou te contar um exemplo: eu recebia o recado de que devia conseguir um carro, fusca, passar bem devagarinho, o mais encostado possível nas escadarias do Teatro Municipal de São Paulo, ir quase parando e olhar. Se houvesse um rapaz sentado nos primeiros degraus perto da calçada, vestido com uma camisa vermelha ou azul ou amarela, e um número do *Estadão* debaixo do braço, eu deveria passar perto dele e gritar “Paulo”. Se ele se levantasse e viesse na minha direção, era ele que eu tinha que recolher. Ele entrava no carro e eu o levava a um certo endereço, que a cada vez era diferente. Naquele tempo, nem telefone todo mundo tinha, por isso não ha-

via como avisar uns aos outros que alguém tinha sido preso. Eu havia recebido o recado algumas horas antes e ia até lá, mas não sabia se aquele rapaz que estava de blusa vermelha e *Estadão* debaixo do braço era o esperado, ou se o meu companheiro tinha sido preso, torturado, obrigado a dizer o que estava combinado, e aquele que estava sentado ali era um agente da polícia vindo para me pegar. Por outro lado, ele também, quando me via passar e chamar “Paulo”, não podia ter certeza absoluta de que eu era a companheira que ia buscá-lo. Eu podia ser uma policial, uma investigadora, que estava ali porque a verdadeira companheira tinha sido presa e torturada, de modo que eles sabiam que essa era a combinação. Então, veja só: tanto ele quanto eu estávamos pondo a nossa vida nas mãos um do outro. Para mim não existe nada mais profundo do que fazer isso simplesmente por solidariedade a um humano, e aquela foi a forma que encontrei de contar essa história no livro, juntamente com a caixa de amuletos, a variação de lugares, o bilhete do metrô...

Adriana Aleixo – *Em A sobrevivência dos vaga-lumes, Didi-Huberman, citando Pasolini, alerta para o poder de alienação que a televisão exerce sobre as pessoas, sobretudo as mais pobres, quando diz: “A televisão não somente deixa de contribuir para a elevação do nível cultural das camadas inferiores, mas ainda provoca nelas o sentimento de uma inferioridade quase angustiante”⁶. Estudando sua obra, percebe-se como você também vai ao encontro dessa afirmação.*

⁶ DIDI-HUBERMAN, Georges. *Sobrevivência dos vaga-lumes*. Tradução de Vera Casa Nova & Márcia Arbex. Belo Horizonte: UFMG, 2011, p. 35.

Maria Valéria Rezende – Nos meios de comunicação, na televisão sobretudo, os pobres, quando aparecem, são sempre caricatos, e os próprios pobres, quando se veem caricaturados, riem, por isso acho que há duas camadas: “você é pobre e seu lugar é aí mesmo, ponha-se no seu lugar.” E, ao mesmo tempo, “divirta-se, não sinta a dor”, porque, quando se sente a dor, a revolta vem. Então, essa ridicularização do pobre, que é impressionante na televisão até hoje, é uma maneira de opressão muito dura, porque faz o cara rir de si mesmo numa situação humilhante. Se a coisa é feita caricatamente, o cara vai rir e vai encobrir a angústia, porque a angústia, o sofrimento e a dor são perigosíssimos. Um dia ele se revolta e explode. Assisti duas vezes na vida a saques populares. Uma vez no meio de uma seca no sertão e depois, no ano de 1980, em São Paulo, no Brás. É uma coisa impressionante, porque ninguém diz nada, ninguém dá sinal e de repente as pessoas avançam, mesmo que haja polícia, gente armada. Eles dão o primeiro tiro, matam os primeiros da fila, mas o resto continua e depois não há quem segure. De repente o povo sai quebrando vidro, invadindo as lojas, arrancando tudo que há lá dentro. A angústia, quando chega a um ponto extremo, vira revolta e ninguém segura um povo revoltado. A televisão reveste o pobre de uma figura cômica, humorística, para fazer os próprios pobres rirem. Ao rir da sua imagem que está aparecendo ali, ele se alivia momentaneamente da angústia e revolta. Essa é minha opinião, porque não sou nada científica.

Submetida em 14 de outubro de 2022.

Aceita em 05 de dezembro de 2022.